

Renan Lima da Silva
renan.turismo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9468-9870>

Maria Luiza Cardinale Baptista
mlcbaptista@ucs.br

<https://orcid.org/0000-0002-7096-1160>

Esquizografias turísticas e Cartografia dos Saberes: Reflexões epistemológico-teóricas sobre pesquisa e ecossistemas turísticos.¹

Resumo O presente artigo tem caráter ensaístico e apresenta o contraponto entre esquizografias turísticas e a Cartografia dos Saberes. Trata-se de apresentar a proposição esquizografias turísticas, como ecossistemas turísticos que se inscrevem. O referencial teórico envolve uma apresentação da Esquizoanálise, a partir de Guattari e Deleuze (2004), o conceito de ecossistemas turísticos comunicacionais autopoieticos, proposto por Baptista (2020b), e a aproximação com a Cartografia de Saberes (Baptista, 2014, 2020, 2020a), para pensar uma proposição de esquizografias turísticas como escrita cartográfica do avesso do turismo, a partir de Deleuze (2005) e Baptista (2020a). Esta proposição significa, a sinalização de possibilidades de construção de pontes entre linhas abissais, tratadas em dinâmicas relacionais emergentes, como dito por Santos (2010). Acredita-se que a proposição Esquizografias turísticas, a partir da estratégia metodológica Cartografia dos Saberes, permite leituras mais complexas dos ecossistemas turísticos, considerando os diversos sujeitos envolvidos e a trama ecossistêmica.

Palavras-chave: Esquizografia Turística; Esquizoanálise; Cartografia dos Saberes; Ecossistemas Turísticos

Tourist schizographies and Cartography of Knowledge: Epistemological-theoretical reflections on research and tourist ecosystems.

Abstract This article is essayistic and presents the counterpoint between tourist schizographies and Cartography of Knowledge. It is about presenting the proposition of tourist schizographies, as tourist ecosystems that are inscribed. The theoretical framework involves a presentation of Schizoanalysis, from Guattari and Deleuze (2004), the concept of autopoietic communicational tourism ecosystems, proposed by Baptista (2020b), and the approach to the Cartography of Saberes (Baptista, 2014, 2020, 2020a), to think about a proposition of tourist schizographies as cartographic writing of the 'averse' of tourism, based on Deleuze (2005) and Baptista (2020a). This proposition means, signaling possibilities of building bridges between abyssal lines, treated in emergent relational dynamics, as stated by Santos (2010). It is believed that the Tourist Schizographies proposition, based on the methodological strategy Cartography of Knowledge, allows for more complex readings of tourist ecosystems, considering the different subjects involved and the ecosystemic plot.

¹ Este estudo é parte das inscrições iniciais do projeto de doutoramento em andamento junto ao Programa de Pós Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Artigo aprovado em sistema de Fast-Track, tendo em vista o acordo firmado entre a ANPTUR e a Cenário relativo ao XVIII Seminário ANPTUR.

Keywords: Tourist Schizographies. Cartography of Knowledge. Schizoanalysis. Tourist Ecosystems.

Resumen Este artículo es ensayístico y presenta el contrapunto entre las esquizografías turísticas y la Cartografía del Conocimiento. Se trata de presentar la propuesta de las esquizografías turísticas, como ecosistemas turísticos que se inscriben. El marco teórico involucra una presentación del Esquizoanálisis, de Guattari y Deleuze (2004), el concepto de ecosistemas de turismo comunicacional autopoyético, propuesto por Baptista (2020b), y el acercamiento a la Cartografía de Saberes (Baptista, 2014, 2020, 2020a), pensar en una propuesta de esquizografías turísticas como escritura cartográfica del 'reverso' del turismo, a partir de Deleuze (2005) y Baptista (2020a). Esta proposición significa, señalar posibilidades de tender puentes entre líneas abisales, tratadas en dinámicas relacionales emergentes, como afirma Santos (2010). Se cree que la propuesta de Esquizógrafos Turísticos, basada en la estrategia metodológica Cartografía del Conocimiento, permite lecturas más complejas de los ecosistemas turísticos, considerando los diferentes temas involucrados y la trama ecosistémica.

Palabras-clave: Esquizografías Turísticas. Cartografía del Conocimiento. Esquizoanálisis. Ecosistemas Turísticos

Como citar: (APA) Silva, R. L; Baptista, M. L. C. Esquizografias turísticas e Cartografia dos Saberes: Reflexões epistemológico-teóricas sobre pesquisa e ecossistemas turísticos. **Cenário – Revista Interdisciplinar em Turismo e Território.** (9)1 pp 45-56 2022; e-ISSN: 2318-8561; DOI: 10.26512/revistacenario.v10i1.40824

1.0 Primeiras inscrições

Iniciar este texto, com as primeiras inscrições, implica compartilhar sinalizadores iniciais do que propomos por em questão, a aproximação das esquizografias turísticas, como proposição epistemológico-teórica, com a estratégia metodológica Cartografia dos Saberes, como estratégia de planejamento e ação de empreendimento da viagem investigativa. Como estratégia é planejamento e ação que verifica constantemente o planejamento e o altera, e alterando, aciona processos de mutação, e assim sucessivamente constantemente. A Cartografia de Saberes é uma estratégia metodológica holística, qualitativa, processual, dissipativa e plurimetodológica, com potência inscricional – que cria, aciona e inscreve o sujeito que produz a investigação, o texto, a viagem investigativa, em si.

E o que são esquizografias turísticas? A proposição deriva de Esquizoanálise, linha teórica desenvolvida por Guattari e Deleuze, ao longo de uma série de trabalhos, que direciona a abordagem da subjetividade para a pluralidade, para a lógica dos engendramentos processuais e para a compreensão de que vale mesmo o sujeito em produção (de vida), no fluxo contínuo dos agenciamentos de potência das máquinas desejanter autopoiéticas. Nesse sentido, o termo esquizografias turísticas pode ser lido como escritas – melhor, inscrições - subjetivas plurais do turismo, que são passíveis de serem cartografadas, em seus múltiplos saberes e fazeres, em entrelaçamento constante, rompendo com as dicotomias e com a lógica abissal do conhecimento, discutida por Santos (2010).

Perceber os abismos, presentes nos discursos atuais, é também perceber a composição-trama de linhas esquizográficas, que podem nos ajudar a ler as conexões, as ligações, o que conecta e não o que separa. Assim, escrevê-las é escrever as linhas de uma Cartografia processual e mutante, que tem como território descritivo, processos complexos,

que encontram, no Sul dos saberes – lembrando aqui Santos e Paula (2010), na discussão das Epistemologias do Sul -, alternativas de respostas a uma crise, que Baptista (2020b)

apresenta como realidade anunciada social e cientificamente. Trata-se da crise de um sistema maquínico capitalístico (Guattari & Rolnik, 1996), e que não pode ser resolvida dentro da mesma lógica processual, como nos ensinam vários autores contemporâneos, entre eles Edgar Morin (2020).

Para a reflexão sobre pesquisa está em jogo a proposição de Baptista (2014) em muitos dos seus textos, apresentando a pesquisa como viagem investigativa. Essa proposição alinha-se com vários autores contemporâneos e corresponde à orientação holística ecossistêmica complexa, como substrato epistemológico subjacente. Assim sendo, contrapõe-se ao processo de compreensão da ciência e da natureza de maneira reducionista, sem levar em consideração as dimensões subjetivas dos atravessamentos dos objetos estudados até então, bem como das dimensões abstratas e da lógica processual, derivativa. Discute-se, portanto, a determinação da Ciência Clássica, no sentido de tentar compreender a natureza os funcionamentos naturais, pautada pelo pensamento reducionista-cartesiano-mecanicista. Desse modo, a chegada ao pensamento complexo, com a percepção da passagem do paradigma físico mecânico para o físico quântico, trouxe a percepção de limites de tal base científica e confrontou a euforia e arrogância moderna.

Sendo assim, bem como o novo paradigma evidencia o que foi perdido ao longo dos avanços, se faz necessário a construção de um novo modelo de pensar os ecossistemas todos – inclusive o social -, envolvendo então relações e conexões, fluxos, derivas e dissipações, incertezas e inesperados. Nessa linha de abordagem, os estudos do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese têm se voltado para as abordagens dos ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, entendidos sempre a partir da dimensão trama. Entende-se como inapropriada a depreciação das relações ecossistêmicas entre homem e natureza, que têm se mostrado prejudiciais, em primeiro momento, à natureza, mas apresentam, como “rebote” desse prejuízo natural, a resposta do adoecimento global, em sentido amplo e ecossistêmico. O coronavírus é apenas um dos sintomas do adoecimento da falta de percepção da sociedade daquilo que foge ao paradigma científico no qual a sociedade ainda está vinculada.

O texto deste artigo, de caráter ensaístico, constrói-se nessa proposta de releitura paradigmática plural, esquizográfica, com a intenção de discutir interfaces subjetivas e complexas do turismo-trama, de maneira a sugerir um avanço nesse pensamento. São sinalizados aspectos de um ecossistema complexo. A noção de ecossistema turístico está sendo abordada aqui conforme os estudos de Baptista (2018, 2020), como processos complexos de desterritorializações desejantes. Para tanto, é preciso apresentar a Esquizoanálise, sua aproximação com o turismo, numa discussão sobre o território e a compreensão de que essa escrita sobre o o turismo, esquizo escrita, esquizografia, tem alinhamentos e sinalizações para um avanço paradigmático, que tem como orientação maior, a possibilidade de compreensão de mundo, holo, com seus entrelaçamentos e imbricamentos, seus laços e seus nós, como afirma Baptista (2020).

Assim, esquizografia turística será apresentada com forma de olhar o turismo a partir da Esquizoanálise, como maneira de ler e escrever avanços da forma como o turismo se desenvolve empiricamente, enquanto prática em um ecossistema complexo passível de ser cartografado. Dessa maneira, propõe-se discutir a estratégia metodológica Cartografia dos Saberes e refletir a ampliação epistemológica, conceitual e operacional, a partir de analogias, propondo o mar, como olhar múltiplo, complexo, processual mutante e efêmero, em sintonia com o estudo já realizado, em nível de mestrado, envolvendo o Turismo em região litorânea, e o estudo atualmente em desenvolvimento, em nível de doutorado, que também tem como lócus de investigação, uma cidade de praias, neste último caso, o Rio de Janeiro.

2.0 Tecendo a Trama Teórica

A discussão proposta neste texto está alinhada à visão holística, ecossistêmica complexa. Nesse sentido, há transversalizações de pressupostos epistemológico-teóricos da Física Quântica, em estudos de Baptista (2020a), a partir de sua formação com Amit Goswami, físico indiano. A visão holística corresponde a um grande salto quântico no conhecimento, que coloca em xeque aspectos fundantes do que se convenciou chamar de Revolução Científica, no final do século XVI e início do século XVII (Capra, 1991, 1997; Crema, 1989). Em lugar desses aspectos reducionistas, cartesianos e mecanicistas, emergiram aspectos de ligação e entrelaçamento complexo, que fogem às medidas e aferimentos cartesianos, reducionistas e newtonianos. Desse modo, não mais se compreende o mundo a partir das relações da luz com a matéria em uma perspectiva materialista, mas considerando as intensidades abstratas, as partículas ínfimas de manifestações de potencialidades, os quanta, quantum. Trata-se, aqui, de múltiplos atravessamentos e dispositivos agenciadores e agenciados de transformações e transmutações em conexões imensuráveis para os padrões científicos de outrora.

Apesar de estar sendo estudada desde o século passado, as implicações da Física Quântica necessita de novas abordagens, para tomada de consciência sobre sua amplitude. Seus pressupostos ajudam a compreender a falácia da materialidade, vinculada ao paradigma clássico de Ciência, que, por sua vez, contribuíram para o estabelecimento de bases de descobertas tecnológicas e estabelecimento de epistemologias que sustentam o paradigma capitalístico sobre o qual a sociedade está assentada. Este mesmo paradigma, que tem seu alicerce nessa perspectiva positivista e reducionista, não compreende a trama complexa que os movimentos e as relações comunicacionais subjetivas propõem e que são fundamentais para compreender os ecossistemas turísticos, na sua condição de turismo-trama. (Baptista, 2020a)

E ainda, a percepção de que as subjetividades estão vinculadas ao paradigma quântico e não ao mecânico, o que justifica a inapropriada impercepção das novas incursões científicas, como a ecologia, o turismo, a comunicação posteriormente e de certo modo a própria psicologia como símbolo máximo dessa subjetividade.

Para abordar a subjetividade, é preciso falar da Psicologia. Para Ellia (2004), o conceito de sujeito é o mesmo do sujeito científico, e sendo assim a construção desse conceito também passa pela construção da ciência. Vale dizer, portanto, que o sujeito também se encontra em mudança de paradigma como para Baptista (2020). Dito dessa forma é que se insere a Esquizoanálise, em O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia (Deleuze & Guattari, 2004). De fato, os autores propõem avanços na percepção sobre o conceito de subjetividade e portanto ao próprio conceito de sujeito. O corpo sem órgão tem como construção o sujeito como máquina desejante e, dessa forma, ocorre a ampliação do conceito de sujeito, para além do ser humano. A proposta é que há máquinas que desejam, em acoplamento com máquinas que desejam. Só que a máquina esquizoanalítica não é um equipamento, uma estrutura sólida e material máquina. A máquina na Esquizoanálise é um engendramento máquina, que envolve materialidades e imaterialidades, compondo-se continuamente em fluxos de agenciamentos de intensidades abstratas que agenciam agenciam num contínuo processo autopoietico. É que para o sujeito, a simples constituição do inconsciente cartesiano e estruturado na linguagem não dá conta dos múltiplos atravessamentos ao qual a máquina esta sujeita.

Entendemos que o promotor das costuras esquizo não é só o sujeito da psicanálise, mas sim o que o transborda, como corpo sem órgãos, como sujeito esquizo, poroso mutante e processual (Deleuze & Guattari, 2004). Interessante, neste sentido, a fala de Rolnik (2000), quando aborda as dinâmicas presentes a partir do Aveso, as práticas culturais e sociais do

Brasil. Segundo ela, essas práticas apresentam conceitos de antropofagia, que são próximos às ideias da Esquizoanálise que apresentamos aqui.

A ressonância com as idéias de Deleuze e Guattari é notória: a subjetividade, segundo os dois autores, não é dada; ela é objeto de uma incansável produção que transborda o indivíduo por todos os lados. O que temos são processos de individuação ou de subjetivação, que se fazem nas conexões entre fluxos heterogêneos, dos quais o indivíduo e seu contorno seriam apenas uma resultante. Assim, as figuras da subjetividade são por princípio efêmeras, e sua formação pressupõe necessariamente agenciamentos coletivos e pessoais. (Rolnik, 2000, p.10).

Essa apropriação conceitual apresenta que o Brasil tem, em sua dinâmica subjetiva, práticas efêmeras de desenvolvimento, para além das práticas alinhadas com a perversidade capitalística que desenvolveu a crise sobre a qual estamos assentados. Isto ocorre de tal modo, que a esquizografia que aqui se inscreve, pressupõe a apresentação dessas grafias esquizo, rizomáticas, que derivam e se dissipam como prática. Essa lógica alinha-se com a proposição de uma escrita esquizo, baseada na Cartografia dos Saberes, como estratégia processual mutante.

A proposição da Esquizoanálise decorre de análises de esquizofrenia:

É próprio do registro edipiano introduzir um uso exclusivo, limitativo, negativo, da síntese disjuntiva. Somos tão formados por Édipo que dificilmente imaginamos um outro uso; nem mesmo as três neuroses familiares se livram dele, embora já não possam aplicá-lo. Vimos como se exerce em Freud e em toda a psicanálise esse gosto pelas disjunções exclusivas. Parece-nos, no entanto, que a esquizofrenia nos dá uma singular lição extraedipiana, e nos revela uma desconhecida força da síntese disjuntiva, um uso imanente que não seria mais exclusivo nem limitativo, mas plenamente afirmativo, ilimitativo, inclusivo (Deleuze & Guattari, 2004, p. 105-106)

A sinalização da necessidade de avanço ao complexo de Édipo, faz basear a concepção esquizo e sua percepção em uma construção extra edipiano do sujeito na sociedade. O sujeito esquizo não nega totalmente o sujeito da Psicanálise, mas tem como proposta processual de compreensão, um distanciamento da maneira como se percebe o sujeito, segundo essa visão teórica, como resultante dos mecanismos e da dinâmica de estruturas psíquicas, em que ao inconsciente é relegado uma espécie de lugar e condenado a aprisionamentos, passíveis de escapes nos atos falhos, nos chistes e nos sonhos. O sujeito esquizoanalítico é visto como máquina desejante, de múltiplos acoplamentos com máquinas desejantes.

O olhar que se propõe, avança do conceito de estrutura do inconsciente em que baseia sua constituição na linguagem, compreendendo a máquina desejante como corpo sem órgãos. O corpo sem órgãos representa a capacidade de transbordo da estrutura e explicita a percepção de que a estrutura pode se aplicar, mas não dá conta da complexidade da máquina desejante. Portanto, a esquizo percepção distanciada das contradições das máquinas, em seus múltiplos acoplamentos, nos serve, aqui, para uma ampliação da forma como olhamos para o turismo, como prática esquizo de inscrição das relações ecossistêmicas, escritas a partir da dimensão trama dos ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos e, em termos de estratégia metodológica, da associação entre Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas. (Baptista, 2020). Vale aqui retomar a apresentação-síntese da proposição de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos:

[...] os ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos como processos complexos de desterritorializações, envolvendo o acionamento e entrelaçamentos de diferentes ecossistemas, em que o sujeito que se desloca é também sujeito de transposições e transversalizações ecossistêmicas, que agencia a movimentação e conexão de mundos, de universos de significações, de referências, de produção e consumo. Nesses processos, está envolvida e é acionada uma teia de materialidades e imaterialidades, desde as potentes tramas econômico-político-sociais-culturais e de prestação de serviços, até os subjacentes fluxos de energias, das micropartículas, de acionamento quântico, que atingem também os níveis de afetos. Com o turismo, tudo se movimenta e se transforma, ao mesmo tempo que o movimento de desterritorialização, em si, autopoietiza (reinventa) sujeitos e lugares, das dimensões ecossistêmicas envolvidas. (Baptista, 2020b, p.6)

Nesses processos de desterritorialização, a percepção de singularidade é fundamental, já que se trata da percepção de ser quem se é, em condição reflexiva e autorreflexiva. No caso aqui, singularizar-se é também se constituir máquina desejante autopoietica, o que passa pela reconstrução decorrente do processo de desterritorialização e reterritorialização. Assim, há um campo de intensidades e de potencialização autopoietica nesse processo. Entende-se que esse campo tem vinculações com o viés de reconhecimento, também, da 'alma do lugar', no amago do conceito de se sentir com alma e vinculado a uma alma, (Yazigi, 2002).

A percepção desse lugar, desse lugar como máquina abstrata subjetiva possibilita um deslizamento conceitual, deslizamento e ampliação do conceito de lugar, em coerência com o de desterritorialização e de território esquizoanalítico, como território existencial e não como território geográfico. Nessa lógica, são possíveis as práticas turísticas, como esquizografias passíveis de serem cartografadas. Entendemos esses deslizamentos, como deslizamentos para o avesso, o verso da costura, numa dobra conceitual, quando desvirmos algo, vemos sua costura, e escrita cartográfica aqui proposta, busca apresentar a costura das fenômenos, esquizoanaliticamente vistos, a partir das dobras como proposto por Deleuze (2005).

O aporte a esse conceito está posto na proposta de Guatarri e Rolnik (1996), sobre a micropolítica do desejo, em que, como processo de constituição do desejo, a máquina desejante se movimenta a partir da sua desterritorialização, da perda de território cognitivo próprio da movimentação, ainda que não física, inerente ao ato de desejar. Baptista (2013) tratou desse aspecto no turismo, a partir de uma construção de desejo do próprio processo de desterritorialização, como agente do desejo pelo turismo, ou seja, o desejo pela desterritorialização como prática de movimento pelo do desejo do turismo, ou do movimento que o desejo pelo turismo causa.

Tais aspectos, dão conta de considerar que a compreensão do desejo esquizo modifica as possibilidades de compreensão do próprio turismo, como prática, em relação ao que é trabalhado; portanto, o que se esquizografa, para além do fazer turismo, é também o produzir turismo, enquanto produção relacional de máquinas desejantes.

A investidura na prática do turismo tende a um deslocamento inconveniente, em que desejar causa um 'desconforto cognitivo-emocional' no estabelecimento de relações em um ecossistema complexo. Desejar provoca movimento em direção a algo, alguém ou algum lugar. Essa investidura se torna um deslocamento turístico, em quem o conceito de Turismo, também deslocado, precisa ser pensado como fluxo, mas como fluxo gerador de perda de território.

Perceber o turismo dessa maneira, justifica dizer que o turismo envolve deslocamentos de fluxos, para além dos físicos. Desse modo, dificuldades encontradas para

o deslocamento evidenciam a necessidade de reinvenção do próprio turismo, desenvolvendo em desterritorialização e reterritorialização das próprias práticas turísticas, em processos esquizos, tangíveis para os saberes científicos vigentes. Nesse sentido, entende-se a escrita e a leitura dessa carta gráfica, uma leitura das práticas turísticas, como esquizografias turísticas.

A representação disso são os fazeres sociais postos como possibilidades reinventadas das práticas de turismo, outrora negadas, o que representa possibilidades de lazer e turismo resilientes e autopoieticas, no acionamento de máquinas desejantes em acoplamentos esquizo possíveis. Esses acoplamentos ocorrem no processo de transversalização dos ecossistemas, o que possibilita reterritorialização. Cabendo aqui o grifo de que os abismos (Santos, 2010) entre norte/sul, nos ecossistemas, não são as possibilidades que um e outro tem de desterritorialização e, sim, a oportunidade de reterritorialização, ou de autopoiese (Baptista, 2020). Deste modo, trata-se de uma nova mirada, em que o foco deixa de ser o abismo e passa a ser as inscrições que potencializam as conexões, as esquizografias. A incursão, por si só, não representa a oportunidade de novos traços esquizo e, sim, as necessidades de práticas que representem, em suas dinâmicas de acoplamento e desacoplamento, a invenção de possibilidades turísticas negadas e refeitas, enquanto corpo sem órgãos e seus transbordos amorosos em sujeitos do devir que se relacionam como legítimos outros, sujeitos outros/ lugares e sujeitos (Baptista, 2020a, 2013, 2004).

3.0 Estratégia Metodológica Cartografia dos Saberes

O objetivo desse tópico é apresentar a Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014, 2020), como estratégia metodológica de pesquisa, com alinhamentos para a produção de pesquisas em Turismo. Vale estabelecer, entretanto, a partir de proposições da própria Cartografia, a opção por uma escrita ensaística, para possibilitar uma discussão de idas e vindas do texto, visitação aos tópicos seguintes e anteriores dessa pesquisa, de maneira a conceber o aqui proposto. A Cartografia é processo, é mapeamento mutante de processos de investigação. Orienta-se pelo pressuposto de pesquisa como viagem investigativa, o que a faz estar alinhada a pressupostos contemporâneos da Ciência Ecológica Complexa, que marcam nosso grupo de pesquisa.

A estratégia de construção escrita segue a estratégia metodológica escolhida. A Cartografia dos Saberes é proposta a partir da composição investigativa como decorrente de trilhas, cada uma possibilitando o acesso múltiplo a um problema complexo. Assim, não transitamos por uma só trilha, e mais, não transitamos por uma de cada vez. As trilhas levam ao problema, da mesma forma que levam a si mesmas e entre si, podendo ser paralelas ou sobrepostas, transversalizadas, no próprio caminho de viagem a ser cartografado.

As bases propositivas dessa estratégia de percurso metodológico no Turismo pressupõem a pesquisa como campo de viagem investigativo, sendo assim passível de ser cartografado. A cartografia como estudo transversal dos mapas, no caso, com um deslizamento dos conceitos de territórios geográficos a serem cartografados, para um campo de territórios abstratos, psicossociais e ecossistêmicos, com bases na Esquizoanálise de Guattari e Rolnik (1996). Os autores defendem esse deslizamento, para fundamentar o conceito de desterritorialização, como a perda de território (de si mesmo), como espaço sobre o qual se tem poder, para uma compreensão de espaço territorial de poder abstrato.

Partindo da possibilidade de disjunção e ou deslizamento conceitual de cartografia, que são proposições da Esquizoanálise (Guattari & Rolnik, 1996), surge a proposição da Cartografia de Saberes (Baptista, 2014, 2020). Gostaria de propor uma reflexão para uma inflexão das possibilidades de aplicabilidade dessa estratégia metodológica.

A Cartografia dos Saberes apresenta-se como trama de caminhos da pesquisa, com trilhas qualitativas, processuais e plurimetodológicas para o estudo de fenômenos complexos, processuais e mutantes. No estudo sobre potência autopoietica para o turismo decorrente de desterritorializações, penso ser possível deslizar para uma analogia mais constitutiva do trabalho aqui proposto e com possibilidades de aproximação. Originalmente, a Cartografia dos Saberes é proposta por Baptista com quatro trilhas investigativas: Saberes Pessoais, Saberes Teóricos, Usina de Produção e Dimensão Intuitiva da Pesquisa. A proposta aqui é repensar as trilhas a partir da metáfora do Mar, como ondas passíveis de serem surfadas. Esta parece uma ampliação analógica possível, que tende a proporcionar algumas reflexões, ao dialogar as duas experiências processuais com a Cartografia, de percorrer trilhas e de surfar ondas, com o advento do terreno trilha, acrescido da maleabilidade do terreno onda. Nos estudos Amorcomtur, o uso de analogias é uma constante, sustentada em proposições de vários autores contemporâneos. Entre eles, destaca-se Santos, em texto clássico intitulado Um Discurso sobre as Ciências. O autor afirma: “ A ciência pós-moderna é uma ciência assumidamente analógica [...] já mencionei a analogia textual e julgo que tanto a analogia lúdica como a analogia dramática, como ainda a analogia biográfica, figurarão entre as categorias matriciais do paradigma emergente”. (Santos, 1988, p.63-64)

Dizer isso, significa apresentar que os caminhos e descaminhos coexistentes das trilhas da cartografia também podem ser compreendidos pela processualidade e lógica efêmera das ondas do mar, onde caminhos existem e coexistem, mas também se transformam no processo de caminhar ou de surfar. Entendo que, como apresentado por Baptista (2020), o aspecto caosmótico da pesquisa, conforme conceito de Caosmose de Guattari (1992 apud. Baptista, 2020), fique mais condensado, se pensarmos a densidade da viagem investigativa na floresta; entretanto, a proposição de apresentar a Cartografia, aqui, como ondas, é coerente à possibilidade e maleabilidade densa, e à percepção de oportunidades inscritas no acontecimentos complexos.

Para além de uma discussão metodológica de Ciência, a aproximação com Boaventura Santos (2010), remete ao fato de que o mesmo propõe pensar saberes para além do científico. Essa orientação se alinha com as possibilidades que a própria Cartografia apresenta, de modo que discutir esses aspectos, aqui, significa refletir a partir da empiria, que é causal e múltipla, plena de acontecimentos efêmeros. Ainda, em complementação, o alinhamento Esquizografias e Cartografias Turísticas representa um olhar profundo, do Sul turístico para o Norte turístico, sendo que a partir desse olhar profundo, a inscrição cartográfica esquizo, corresponde ao próprio avesso do Turismo (Baptista, 2020) ou Turismo do Sul, se pensado o pensamento abissal (Santos 2010).

Parece importante, para entender a Cartografia dos Saberes, o conceito de Caosmose, que corresponde a uma espécie de aglutinação de fazeres, que tem como lógica o acoplamento de máquinas desejantes autopoieticas, numa organização para além de um pensamento corpóreo e orgânico, perspectiva pensada a partir de Deleuze e Guattari (1996). Desta forma, a Cartografia dos Saberes, como proposta de orientação de estratégia metodológica para esta produção, pode ser pensada como possível e coerente aos acontecimentos e logísticas sociais e ecossistêmicas contemporâneas.

Visto isso, entende-se do que decorre vontade de pesquisar os contextos atuais, sendo a estratégia metodológica complexa como a cartografia, para estudar um objeto esquizografico que é também Caosmose, como os objetos em contexto atual pandêmico por exemplo. Dizer isso significa dizer que não é possível pesquisar um objeto complexo processual e mutante, de outra maneira que não seja com uma estratégia, complexa, processual e mutante. Há uma relação direta entre a dinâmica de produção das tramas passíveis de serem cartografadas, e os processos mutantes do acontecimento, de acoplamentos maquínicos efêmeros das realidades práticas desse avesso do turismo.

Isso significa dizer que a Cartografia é possível, no caso de um fenômeno cartografável, porque é complexo e processual, e essa percepção só é possível, quando penso do meu objeto, a partir de uma Cartografia, que não é uma metodologia ou só metodologia, mas é uma estratégia de apreensão de mundo e produção de conhecimento decorrente da viagem investigativa.

Essa estratégia, está presente em objetos empírico complexos de dinâmicas efêmeras, relacionado as teorias contemporâneas e subjetivas. Sendo essas objetos também, maquinas abstratas desejantes autopoieticas. Uma rápida sobreposição de imagens, cenas de diário de pesquisa, possibilita perceber o caráter inerente da Cartografia de Saberes e das Esquizografias Turísticas, especialmente quando são pensadas as linhas de fuga na relação com o Mar. Isso decorre de uma lógica em que se valoriza o fazer prático como o próprio fazer cartográfico, independentemente da forma como se apreende tal objeto ou fenômeno.

Disso decorre, a necessidade e desejo do deslizamento da ideia de trilha da Cartografia dos Saberes, para a ideia de onda a ser surfada, passível de ser surfada. É possível pensar que o Mar não tem só uma onda, ao mesmo tempo que perder uma onda não significa deixar de surfar. É interessante a analogia que diz que surfar uma onda é montar um cavalo selvagem, em pleno movimento. A diferença é que, correndo mais ou menos, esperando um dia ou dez, em algum momento, aquele fluxo ondular passará novamente, ainda que não da mesma forma.

Pensar o cartografar como surfar ondas possibilitou pensar a Cartografia como escolha de pranchas a serem levadas para a praia, entender que cada prancha se aplica a uma condição do mar. Significa entender que a incursão ao Mar precisa de observância, estratégia, planejamento, para entrar no lugar certo, com a prancha certa, prever tempo de séries de ondas e mudança do vento que sopra na praia. São muitos fatores, e ainda, ao conseguir nadar, é preciso se entender intimamente com uma onda e surfá-la. Isso não significa que todo o processo acabou. Mesmo rapidamente, precisa-se perceber como a onda se mexe, ela tem vida própria, em que direção ela vai, e que tipo de negociação é possível num caminho sobre o qual não tenho completo controle, pois só posso deslizar, onde o mar me permite.

O Mar, pensar o Mar como terreno no qual se desenvolve a pesquisa, causa o mesmo desconforto que se imaginar perdido em alto mar, mas isso pode deixar alerta, e estar alerta é aspecto importante para perceber os fluxos fenomenológicos. Vale dizer, a defesa feita aqui, em nada busca apresentar ruptura conceitual; trata-se de uma aproximação com outros universos existenciais, entendendo que a aproximação com o Mar torna para essa pesquisa, uma fluidez conceitual, e apresenta que a própria Cartografia dos Saberes propõe, pesquisar de acordo com o que propõe a pesquisa, como dimensão intuitiva, e a apresentação das múltiplas potencialidades que a Cartografia pode apresentar, de tal forma que o que se apresenta, é cartografar a carta gráfica.

Fazer uso da Cartografia dos Saberes nesses termos, alinha-se à percepção de turismo com Fluxo, como proposto por Gastal (2020), em uma dinâmica processual. Vincula-se à desterritorialização e autopoiese, como característica de reinvenção se pensarmos a onda análoga anteriormente apresentada. Significa dizer que a viagem não trata só da pesquisa ou da viagem investigativa, mas, sim, da maneira como a Cartografia se torna onda holística, que possibilita, no movimento, olhar a mesma acontecendo. Significa que a utilização da Cartografia não é possibilidade, mas necessidade, quando se trata do estudo de um turismo vivido, que, como no corpo sem órgãos de Guattari e Deleuze (2004), não cabe numa proposição cabível no que só os conceitos dão conta de captar. Cartografar a Cartografia.

Cartografar a Cartografia decorre da percepção que o que se cartografa, se faz como orientação de como olhar o mundo, na verdade são praticas que instintivamente, subjetivamente, inconscientemente, nessa pesquisa, já são praticas da mesma forma como a Cartografia olha o mundo, pesquiso a partir da Cartografia, fenômenos que tem nos seus desdobramentos o mesmo que Cartografia defende.

Isso se apresenta quando Baptista (2020) apresenta as dinâmicas a serem olhadas pela Cartografia como estratégia para o desenvolvimento de ações investigativas, com a proposição das trilhas de saberes já mencionadas. Assim, a autora parte do princípio de que a relação do pesquisador com a sua pesquisa, se constitui por marcas de subjetividade, que precisa ser investigada para reconhecer os fluxos profundos geradores e direcionadores da pesquisa. A pesquisa é autoral, produzida por um pesquisador, percebida pelo pesquisador, e sentida pelo pesquisador, na sua proposição pessoal inicial. Entre as trilhas da Cartografia dos Saberes, também há a valorização do intuitivo desdobramento nas práticas dos saberes pessoais e também na escolha dos deslizamentos das ondas de saberes teóricos, que se apresentam e se desdobram a partir do contato reflexivo do produtor de pesquisa ou do próprio produtor de fazeres autopoieticos no objeto estudado.

Isso significa dizer que quem se propõe, como aqui, pesquisar a partir da Cartografia de Saberes, tem como orientação perceber no seu objeto de estudo, o que nele se apresenta com a mesma orientação da estratégia desenvolvida. Isso ocorre, pois pesquisador e objeto precisam ser reconhecidos como máquinas desejantes autopoieticas, que tem no seu acoplamento, alinhamentos produtivos. E mais, é possível pensar o olhar da autoprodução do objeto a partir desse acoplamento, bem como do pesquisador e por consequente da pesquisa científica a partir desse acoplamento, entendendo que idas e vindas são ondas a serem surfadas.

No surf, existe um fenômeno, de ondas que ao terem contato com um banco de areia mais alto na praia, retornam ao mar com um pouco mais de força, como uma onda de retorno, em direção a onda que naturalmente continua vindo do mar em direção a praia, a essa onda, que vai da praia em direção ao mar, o surf denomina como Backwash, e aqui no Brasil e chamado Pororoca, como homenagem a onda fluvial amazônica que tem sua potencia em um espaço onde normalmente não haveria onda.

Bom, o interessante de pensar esse fenômeno da Pororoca, envolve alguns aspectos, o primeiro trata de perceber que, o contato da onda da Pororoca com a onda natural gera um distúrbio que pode gerar uma terceira onda lateral passível de ser surfada, e o surfista precisa estar atento a essa possibilidade, ainda, tanto a pororoca quanto a onda natural são caminhos possíveis para percorrer o mar, cada um a sua maneira com as estratégias corretas para cada situação e ainda, perceber esse ecossistema como um todo, sem tentar prever todas as possibilidades mas negociando de acordo com a partir de onde se pensa olhar esses fenômenos, compõem a forma com que se vai cartografar os aspectos a serem apresentados, seja como mar, seja como pesquisa.

4.0 Últimas inscrições deste texto

O texto apresentou a confluência esquizoanalítica entre a proposição teórico-conceitual Esquizografias Turísticas e a estratégia metodológica Cartografia dos Saberes. Tramas complexas, não só de palavras, mas, sim, de enunciações derivadas da vinculação com a epistemologia holística, complexa e ecossistêmica. Nesse sentido, falar sobre esquizografias turísticas cartografadas, em suas múltiplas possibilidades de saberes, significa refletir sobre proposições de alternativas de um devir turismo.

A Esquizonálise, na história da humanidade, representou a ampliação da compreensão da subjetividade, passando a tratá-la como processo de produção, em sintonia com os grandes agenciamentos das máquinas desejanças autopoieticas. Assim, como vertente teórica, também significou o enfrentamento dos estruturalismos inerentes, tanto na visão psicanalítica de sujeito, quanto na visão marxista de sociedade. Desse modo, o tratamento das subjetividades como decorrentes de grandes máquinas abstratas, chamadas também de equipamentos coletivos de produção de subjetividade, ajuda a compreender os rumos capitalísticos dos processos holísticos que levaram a humanidade ao ponto em que chegamos. Nesse processo todo, o turismo é um dos feixes fundamentais e que também tem uma história que precisa ser reescrita, reinscrita, esquizografada e, claro, para tanto, necessita ser cartografada.

Assim, o texto reconhece a Cartografia dos Saberes como estratégia que contempla a complexidade da trama caosmótica de elementos que compõem o ecossistema turístico e que, por suas orientações, possibilita leituras de maior profundidade. O entrelaçamento entre esquizografias turísticas, como escrita esquizo, e a Cartografia dos Saberes, fica claro na discussão apresentada. Entendemos que se trata de cartografar práticas esquizo turísticas, resultado de transversalizações ecossistêmicas. Essas práticas são processuais, derivativas, dissipativas; por isso mesmo, são coerentes com as orientações cartográficas que a estudam.

Na sequência dos estudos do Amorcomtur, as esquizografias turísticas correspondem a um olhar para os avessos do turismo e a Cartografia dos Saberes, como uma alternativa de investigação, no sentido de ação de investimentos na busca de conhecimentos, sobre os ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos.

Currículo autores:

Renan de Lima da Silva

Doutorando em Turismo e Hospitalidade pelo Programa de Pós-Graduação-Doutorado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul/RS (Bolsista CAPES). Mestre em Turismo - UCS - Universidade de Caxias do Sul. Tecnólogo em Gestão de Turismo - UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa/Jaguarão. Integrante do AMORCOMTUR! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPQ - UCS). Email: renan.turismo@gmail.com. CV: <http://lattes.cnpq.br/0735199171911174>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9468-9870>.

Maria Luiza Cardinale Baptista

Universidade de Caxias do Sul. Pós-Doutora em Sociedade e Cultura da Amazônia (UFAM). Doutora em Ciências, pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Professora de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (UCS). Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPQ-UCS). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ecossistemas Comunicacionais e as Tecnologias da Inteligência (ECOEM). Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Centro de Formação em Desenvolvimento Territorial (CFDT), Campus Paulo Freire (CPF), Teixeira de Freitas - BA! Integrante do Ecomsul: Epistemologias e Práticas Emergentes e Transformadoras em Comunicação, Mídias e Cultura, (UFRN). Pesquisadora integrante como colaboradora do GIDTur - Grupo de Innovación Docente e Divulgación en Turismo, da Universidade da Coruña, Espanha. Integrante de la Red Iberoamericana de Investigación en Experiencia Turística, Saberes Transversales y Bienestar. Jornalista (UFRGS). Diretora da empresa Pazza Comunicazione. Brasil. E-mail: malu@pazza.com.br. CV: <http://lattes.cnpq.br/2996705711002245>. Orcid: é <http://orcid.org/0000-0002-7096-1160>.

Referências

- Baptista, M. L. C. (2004). Comunicação Amorosidade e Autopoiese. In: *XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/NP -Teorias da Comunicação - Da Epistemologia (Mesa Redonda)*. Participação como Apresentadora e Expositora., 2004, Porto Alegre.
- Baptista, M. L. C. (2013). Desterritorialização Desejante em Turismo e Comunicação: Traços Especulares e de Autopoiese Inscricional. In: *XIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL*, 2013, Santa Cruz do Sul. Intercom. Santa Cruz do Sul: Intercom/UNISC.
- Baptista, M. L. C. (2014). Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Rosa dos Ventos**, v. 6, p. 342-355.
- Baptista, M. L. C. (2020). Amar la trama más que el desenlace!-: Reflexões sobre as proposições Trama Ecosistêmica da Ciência, Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas, na pesquisa em Turismo. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 8, p. 41-64, 2020.
- Baptista, M. L. C. (2020a). Stamos em Pleno Mar'! Reflexões sobre tempos de pandemia Covid-19, considerando a trama de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, v. 8, n. 15, p. 7-22.
- Baptista, M. L. C. (2020b). O Averso do Turismo como proposição de Sinalizadores para o Futuro. Reflexões ecosistêmicas sobre entrelaçamentos e processualidades do avesso das desterritorializações turísticas em seus saberes e fazeres. **Anais do Seminário Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, São Paulo, SP, Brasil**.
- Capra, F. (1991). **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix.
- Capra, F. (1997). *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix.
- Crema, R. (1989). **Introdução à Visão Holística. Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma**. São Paulo: Summus.
- Deleuze, G. (2005). **Foucault**. São Paulo: Brasiliense.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2004). **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Ellia, L. (2004). **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gastal, S. (2020). Turismo em tempos de COVID-19: Perguntas fortes, respostas fracas. **Cenário: Revista Interdisciplinar Em Turismo e Território**, v. 8, n. 14, p. 101-109.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1996). **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Vozes: Petrópolis.

Silva, R. L; Baptista, M. L. C. Esquizografias turísticas e Cartografia dos Saberes: Reflexões epistemológico-teóricas sobre pesquisa e ecossistemas turísticos.

Morin, E. (2020). hora de mudarmos de via as lições do coronavírus. *São Paulo: Bertrand.*

Rolnik, S. (2000) **Esquizoanálise e antropofagia**. *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Editora, v. 34, p. 451-462.

Santos, B. S. & Paula, M. M. (2014). **Epistemologias do sul**. Cortez Editora.

Santos, B. S. (1988). Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos avançados**, 2(2), 46-71.

Santos, B. S. (2010) Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. **In Santos, B. S. & Paula, M. M. (Orgs). Epistemologias do sul**. Cortez Editora.

Yázigi, E. (2001). **A Alma do Lugar**. São Paulo: Contexto.